DOI: 10.5418/RA2013.0911. 0004

A PROPÓSITO DO TRATO DO INVISÍVEL, DO INTANGÍVEL E DO DISCURSO NA GEOGRAFIA CULTURAL

as regards the approach to the invisibility, the intangibility and the discourse in the cultural geography

Maria Geralda de Almeida [1]

Resumo

Este texto é um ensaio com o propósito de esboçar reflexões sobre alguns temas que emergem do processo da pós-modernidade do discurso geográfico. O foco é sobre um dos aspectos da prática geográfica: o discurso. Uma vez que na geografia cultural cresce a motivação para compreendê-la em todas suas dimensões, esta proposta de apontar as novas práticas discursivas que a Geografia inspira irá somar-se ao debate em curso. Ainda serão brevemente apresentadas duas categorias presentes nos interstícios dos discursos da pós-modernidade: o invisível e o intangível no contexto da geografia. Conclui-se que, no bojo das atuais correntes filosóficas e epistemológicas, as práticas discursivas alternativas emergentes abrem oportunidades para a Geografia e enriquecem os diálogos com e entre os geógrafos.

Palavras-chave: Pós-modernidade, Discurso, Geografia cultural, Invisível, Intangível.

Abstract

This is an essay with the purpose of outlining some reflections on themes which emerge from a postmodernity process of the geographical discourse. The focus is on one aspect of the geographical practice: the discourse. By taking into account that in the Cultural Geography there has been an increased motivation to understand it in all its dimensions, this proposal on the new discursive practices that geography inspires, will enrich it. Yet it will be briefly outlined two existing categories in the interstices of the discourses of postmodernity: the invisible and intangible assets in the context of geography. It is taken for granted that in the midst of the current philosophical and epistemological streams, the emerging alternative discursive practices propitiate research opportunities and enrich the dialogue with and among geographers.

Key words: Postmodernity, Discourse, Cultural geography, Invisible, Intangible.

Resumen

Este texto es un ensayo con el fin de hacer algunas reflexiones sobre los temas que surgen del proceso posmoderno del discurso geográfico. La atención se centra en uno de los aspectos de la práctica geográfica: el discurso. Una vez que en la geografía cultural crece la motivación para entender todas sus dimensiones, esta propuesta tiene el objetivo de identificar las nuevas prácticas discursivas que la propia Geografía inspira, así enriqueciéndola. Sin embargo, se describen brevementedos categorías presentes en los intersticios de los discursos de la posmodernidad: el invisible y el intangible en el contexto de la geografía. Se Concluye que en el núcleo de la corriente filosófica y epistemológica, las prácticas discursivas alternativas emergentes abren otras ventanas y enriquecen el diálogo con y entre los geógrajos.

Palabras claves: Posmodernidad, Discurso, Geografía cultural, Invisible, Intangible.

(1) Bolsista Produtividade do CNPq e Profa. Dra. do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás - Campus Universitário, Samambaia, CEP: 74000-970, Goiania (GO), Brasil. Tel: (+55 62) 35211170 - mgdealmeida@gmail.com

ISSN 1679-768 X © 2003, Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia. Todos os direitos reservados.

INTRODUÇÃO

Em um artigo memorável no qual há casamento da sensibilidade com a razão, Cosgrove (1998) fala de uma dimensão ampla e simbólica da Geografia. Ele considera a geografia como o ser e o estar, intrinsecamente, nos homens, no entorno e no mundo. Se a geografia está em toda parte, ela é o visível, o invisível e o intangível que compõem o universo. Refletir sobre essa margem obscura nas discussões geográficas é o objetivo deste artigo. Nele, esboçam-se algumas ideias também com a pretensão de instigar o debate sobre o discurso, temas ainda pouco explorados na geografia cultural.

Após muitos anos de relativa inércia, nos anos oitenta, a Geografia pareceu criar um novo alento. Para Claval (2008), três giros nas ciências sociais tiveram fortes repercussões na ciência geográfica: a virada linguística, que não concede mais primazia à realidade e ressalta a análise do pesquisador a partir da palavra e das imagens; o giro espacial da sociologia, que de uma esfera conceitual e abstrata reforça a existência das sociedades em espaços e lugares concretos; e o giro cultural da geografia humana, que enfatiza os processos sociais, econômicos e políticos como dependentes das culturas onde eles ocorrem.

Sarmento, Azevedo e Pimenta (2006) ressaltam que o novo fôlego na geografia ocorreu com o esforço de diversos autores empenhados em fazer uma revisão crítica de uma tradição do pensamento geográfico que encontra as suas raízes nas geografias francesa e americana, escolas herdeiras de uma Antropologia germânica no final do século XIX. Esses autores efetuaram a reavaliação dos métodos geográficos e das expressões de tais métodos no âmbito das abordagens culturais.

O enfoque cultural incorporado, para Christlieb (2006), foi avaliado por alguns geógrafos como uma espécie de oxigênio para sua disciplina. Logo, começou-se a falar em uma mudança e em uma valorização do enfoque cultural. Em inglês, o movimento denominou-se The cultural turn in geography. Os franceses o chamaram de Le tournant culturel en géographie e, no Brasil, tornou-se conhecido como A virada cultural na geografia. A ênfase na nova Geografia Cultural buscou a revisão dos conceitos de 'natureza' e de 'cultura'. Com ela, defendia-se que todos os ambientes e paisagens são coproduções de natureza/cultura e que os debates relacionados ao domínio do espaço e da espacialidade, mais do que o ambiente e a materialidade das paisagens e da cultura, deveriam ser reorientados.

Cabe ressaltar que os Estudos Culturais contribuíram e consolidaram uma concepção de cultura como processo significante. Além disso, tais estudos, sobretudo na Inglaterra, potencializaram a formação um conceito geográfico de cultura alicerçado nas relações sociais de produção e reprodução.

Nessa geografia cultural renovada, nas palavras de Côrrea (1999), existem várias concepções da abordagem cultural. Almeida (2009) considera que a geografia cultural teve um notável avanço e enriquecimento teórico, abriu uma ampla gama de itinerários para leituras e investigações nas manifestações geográficas da cultura e das culturas. Essa amplidão das ofertas justifica a diversidade de leituras e de temas possíveis de serem tratados com a abordagem da geografia cultural, sobretudo, nas ultimas décadas quando ocorre uma explosão de temas. Contudo, Minca (2002) questiona se a reflexão pós-moderna contribuiu para recuperar a dimensão dinâmica e prospectiva do discurso geográfico moderno.

Se as mudanças ocorridas na ciência geográfica tiveram implicações epistemológicas ou se deram essencialmente nas formas discursivas, é uma questão que intriga aquele geógrafo que se interessa pela abordagem.

Cabe esclarecer que o teórico, no discurso de qualquer conhecimento científico, está historicamente determinado por duas condições: a epistemológica e a contextual. A epistemológica supõe que o critério de cientificidade assumido pela tradição e por grupos atuais garante que os discursos enunciados pelos diferentes setores que os compõem permitem compreender e explicar os fatos da realidade que são o objeto próprio da disciplina. A condição contextual diz respeito às problemáticas reais que podem circunscrever quais são os fatos objetivos da comunidade em questão.

Nesse sentido, propõe-se, neste ensaio, concentrar o olhar sobre a prática geográfica por meio do discurso do qual duas chaves interpretativas podem ser extraídas. A primeira é a pós-modernidade, como crítica do saber (pelo menos nas suas pretensões universalizantes). A segunda é a nova sensibilidade estética. Posto que na geografia cultural a motivação para compreender seu campo teórico cresce em todas as suas dimensões, propõe-se também apontar as novas práticas discursivas nas quais a Geografia inspira e tem grandes possiblidades de enriquecê-la.

Dessas discussões surge outra, referente às duas categorias presentes nos interstícios dos discursos: o invisível e o intangível, consideradas pelo Nogué e Romero (2006) como marginais. Estes autores são as referências principais e os inspiradores para o esboço da discussão emergente.

A lógica desses temas de análise situa-se, por assim dizer, nas proposições do processo da pós-modernidade do discurso geográfico, considerado objeto característico do momento reflexivo. Em outras palavras, o discurso reflete um momento mais performático ou criativo e convém aos geógrafos verem as práticas discursivas como modo de investigação. Este texto breve e provocativo apresenta, portanto, ideias que, essencialmente, buscam interlocutores.

EMERGÊNCIA DE NOVAS FACETAS DISCURSIVAS NA GEOGRAFIA

No meio científico sempre houve o cuidado na busca de uma linguagem universal. Havia uma desconfiança por parte dos cientistas da linguagem natural, por isso, eles recorrem à utilização da matemática, considerada como portadora de uma linguagem neutra. Ela era tida como aquela que assegura a unidade. Por intermédio da lógica matemática, esta perspectiva foi retomada pelos defensores da concepção analítica da ciência, e pelos defensores da "revolução quantitativa" na Geografia.

A insatisfação provocada pelos resultados da revolução quantitativa na Geografia provocou reflexões similares, notadamente quando se deseja que as análises permeiem a linguagem corrente para nela capturar o subjetivo e as formas simbólicas. Wittgenstein (1961), no seu estudo sobre jogo de linguagem, reforçava a pesquisa sobre a dimensão pragmática da linguagem. As críticas feitas por este autor respingam na obra de Olsson (1975) Birds in egg (não traduzida no Brasil), quando este autor busca enfatizar "que nem o pensamento nem a ação são governadas pelas regras da lógica analítica padronizada", na análise feita por Berdoulay (1988, p. 8). Com o tempo, os geógrafos compreenderam a complexidade e as ambiguidades das relações que os termos constroem. A linguagem apareceu, assim, cada vez mais como mediadora essencial entre a ciência e a realidade que ela deseja compreender.

Desde a década de 1980, as pesquisas avançaram para o campo da semiótica e da retórica. O discurso científico se desdobra em formas similares àquelas existentes no domínio literário. O texto científico adquire importância, porque nele se impregnam as estratégias diversas do autor para dialogar com o leitor. Assim, um conjunto de técnicas da linguagem, de retórica, é utilizado para construir um discurso convincente. Este, em consequência, torna-se criador de um campo cognitivo novo. Prática e discurso são intimamente ligados como duas vertentes de uma mesma realidade. O discurso científico produz conhecimentos, porém, ele constitui também, um discurso sobre a maneira de os produzir e sobre os meios de utilizá-los.

A vaga pós-moderna, formada em meados de 1980, se fortalece desde então. Distinguir pós-modernidade e pós-modernismo é essencial para se compreenderem as ciências sociais, particularmente a geografia, no que diz respeito à epistemologia.

Pós-modernismo constitui uma corrente de pensamento que, no seio das ciências sociais, questiona o projeto científico herdado do Iluminismo e constitutivo da modernidade. Trata-se de uma reviravolta epistemológica maior e multidimensional. O pós-modernismo não suscita a unanimidade entre os geógrafos, mas sua importância é tal que é com relação a ela que várias correntes da geografia cultural, como a feminista e a radical, situam-se. A abordagem pós-modernista encontra-se, assim, no coração da geografia devido à sua dimensão reflexiva, que interroga a natureza, os métodos, os objetivos da geografia e mais amplamente as ciências sociais. Ela é mais que uma

abordagem geográfica. É também uma reflexão sobre a disciplina ela mesma. A abordagem pós-modernista não se caracteriza pelo seu objeto que aborda e sim pela maneira pela qual ela o trata. David Harvey (1988), por exemplo, se respalda no marxismo para mostrar que a pós-modernidade é fruto das estruturas de produção pós-fordistas, enquanto que a modernidade é ligada ao fordismo. Sua análise pós-fordista assenta-se no fenômeno pós-moderno, mas segue um método moderno, pois se respalda no marxismo.

Cabe esclarecer que o conceito de pós-modernidade está relacionado às características fundamentais de uma época e de uma sociedade, em sua oposição à época e à sociedade da modernidade. As características da sociedade pós-moderna são múltiplas e os autores divergem quanto a essas características. As mudanças mais invocadas foram o desmoronamento do bloco soviético, a emergência de uma nova economia parcialmente fundada sobre o tratamento da informação, a emergência da valorização do multiculturalismo e da mestiçagem, a mundialização/globalização, o aparecimento de um novo tipo de espaço urbano, a fragmentação de uma sociedade cada vez mais dual, o papel crescente das novas tecnologias de informação e das telecomunicações, o triunfo da imagem e do simulacro etc. A pós-modernidade é, pois, um estado do fato que, para ser estudado, não reclama método específico.

Na Geografia, o discurso pós-moderno se apoia certamente sobre os instrumentos técnicos que o induziram ou o receberam de outras ciências. Porém, em uma perspectiva mais ampla, ele é constituído do dimensionamento e da humanização da superfície terrestre, ambiente profundamente transformado e organizado pelo homem. Discurso e prática geográficos são simbióticos. Fazem com que seja ilusório considerar como dissociadas uma história do pensamento geográfico e uma história da ação geográfica, mesmo se é frequentemente necessário concentrar-se separadamente sobre as questões que elas produzem.

Berdoulay (1988, p. 9) afirma que "é direito considerar o discurso geográfico como uma instância de produção de sentidos, visto que suas categorias escapam, pelo menos parte delas, a uma realidade que lhes é pré-existente". Berdoulay usa como exemplo o livro de Francois Dagognet (1977), Une epistémologie de l' espace concret, no qual este autor mostra que território e paisagem têm muito em comum com a escrita e, conclui, também, com o discurso geográfico. Este se exprime pela escrita, pela linguagem e pelo discurso em si.

Se o pensamento geográfico perpassa o discurso geográfico que o exprime, não se deve, pois, fechá-lo como uma disciplina institucional, de fronteiras bem delimitadas, em uma dada época; e, principalmente, aprisioná-lo em uma configuração discursiva precisa porque esta não poderá evidenciar a totalidade do campo de preocupações geográficas. A dinâmica da ciência deverá ser considerada no seu reflexo na estrutura discursiva.

Cabe ressaltar que o campo de preocupação geográfica, jamais totalmente estruturado e em reorganização constante, encontra sua coerência apoiando-se sobre certo número de aspectos fortes – temas, conceitos, modalidades discursivas – a partir dos quais as reestruturações parciais são reelaboradas. Diante disso e da dinâmica desta ciência, concordo com Berdoulay (1988) que o discurso é, simultaneamente, expressão e fonte da criatividade geográfica.

A INVISIBILIDADE E A INTANGIBILIDADE NOS ESTUDOS ESPACIAIS

Para entender a dimensão da invisibilidade e da intangibilidade nos estudos espaciais convém uma breve reflexão sobre o contexto contemporâneo. A pós-modernidade apresentou novas armas e sacudiu, em parte, aquela tensão entre movimento e fixidez, entre cartograficidade e dinâmica territorial e social, entre fechamento e abertura com respeito à complexidade do mundo, entre razão e desejo, o que representa um avanço para o conhecimento e a transformação do espaço no nosso entorno.

Os objetos de estudo e de discursos da Geografia dizem respeito àquilo que nos cerca: as cidades, os espaços rurais, o cotidiano do trabalhador rural e urbano, os grandes centros comerciais, os condomínios fechados, a vida urbana, as mudanças globais, os impactos climáticos, catástrofes advindos da natureza, os conflitos e guerras, as formações vegetais, os desmatamentos e zonas de produção de grãos e de frutos, os espaços festivos e religiosos, as paisagens desconhecidas.

Estamos cada vez mais em um ambiente espacial de intangibilidade e de invisibilidade. O poder é cada vez mais invisível, menos identificável, por ter se deslocado de atores e protagonistas visíveis para grupos e conglomerados sem uma localização precisa. A invisibilidade é o resultado de um processo complexo no qual confluem a mobilidade, a volatilidade, as fusões, a multiplicação das realidades inéditas, as alianças insólitas. As presenças são virtuais e os inimigos são difusos. Para Innerarity (2006), há que se fazer visível o invisível para entender o mundo que nos rodeia.

Segundo Nogué e Romero (2006), movemos cotidianamente entre paisagens incógnitas e territórios ocultos. As geografias da invisibilidade – que aí estão sem estar – marcam nossos espaços existenciais tanto quanto as geografias visíveis e cartografáveis.

Novos agentes sociais forjaram opacas redes espaciais e criaram novos territórios nem sempre de fácil acesso, frequentemente sombrio, quando não vazios, na expressão de Bauman (2006). São, portanto, territórios, com a característica de serem habitados por populações marginalizadas de um sistema cada vez mais segmentado em estratos espaciais distanciados. Os desastres naturais, incidindo nas zonas mais pobres e vulneráveis, provocam, tanto quanto as guerras, a formação de territórios desolados. Como os eventos naturais não são seletivos, países economicamente poderosos como o Japão são, também, atingidos violentamente por terremotos e tsunamis. Tais eventos têm um forte impacto mediático. Às vezes, os impactos são poucos visíveis, porém, latentes no território.

Os grandes espaços urbanos e metropolitanos contemporâneos estão coalhados de zonas inseguras, indesejáveis, desagradáveis e não vistas pelo poder, pela gestão urbana. São os territórios da cidade oculta, das favelas como a de Cidade de Deus, no Rio de Janeiro, e que entram em cena quando, por diversas circunstâncias, o espaço que ocupa se converte em "interessante".

Existem diferentes formas de ver as paisagens. Conforme Nogué e Romero (2006), as paisagens visíveis e invisíveis constroem-se socialmente dentro de um jogo complexo e mutável de relações de poder pelo qual perpassam gênero, classe, raça etc. e de Poder no sentido mais amplo, com P maiúsculo, de que nos fala Raffestin (1993). Maria Prats Ferret (2006) lembra que, até recentemente, a Geografia considerou a sociedade como um conjunto neutro, assexuado e homogêneo, no qual mulheres e homossexuais foram invisíveis para a ciência geográfica por muito tempo.

E as geografias induzidas pelos territórios virtuais? As salas de bate-papo mais frequentadas do que as salas dos próprios lares de seus usuários? E as geografias de ciência-ficção, as virtuais, vividas com intensidade pelos jovens? E as geografias induzidas pelo oaska, santo daime, marijuana e exctasy? Como são essas geografias da evasão e essas geografias imaginárias?

A geografia cultural deveria explorar esses territórios camuflados pela invisibilidade. Para tal, poderia recorrer-se à categoria de visível, anunciada por Merleau-Ponty (2004) para quem o não visível está completamente entrelaçado com o visível. É a base que o sustenta, formando um par dialético, assim como o branco e o negro, a luz e a escuridão. Esta é uma ontologia reforçada pelas teorias da percepção que argumentam em favor do fato de a realidade estar constituída, simultaneamente, por presenças e ausências, por elementos que se manifestam e por outros que se escondem, porém, continuam presentes. Breve, a realidade não é apenas o que se vê. Aos geógrafos culturais cabe desvendar este dom: saber olhar o que não se vê.

O intangível não é invisível, mas é de difícil apreensão. Como se avaliam os danos provocados em uma cachoeira com a construção de uma barragem? Como se avalia a vista contemplativa de um pôr-do-sol? Como atribuir valor a uma festa, considerada uma tradição local? E as geografias olfativas, as do paladar, as dos sons e as dos cheiros? Como incorporar os elementos intangíveis no saber fazer geográfico?

São também intangíveis as geografias emocionais, geradas pelas diásporas, os exílios, materializadas em um imaginário coletivo dos grupos por meio de recordações de paisagens e de lugares deixados sem qualquer relação com seus novos destinos. Esta geografia intangível construída pelo imigrante, com suas relações topofóbicas e topofílicas, deve ser buscada pelo geógrafo cultural.

Também intangível é o sentimento religioso, a fé. A Geografia da religião aborda as religiões institucionalizadas que têm muito a ver com a intangibilidade moral, com as relações sociais e com o poder.

Os valores intangíveis ganham relevância mundial. A Unesco assinou um Convênio com vários países para Proteção do Patrimônio Cultural Imaterial. Desde 2003, conferências internacionais insistem na incorporação do patrimônio imaterial nas políticas culturais e também territoriais. No caso do Brasil, o Iphan tem feito tombamentos de bens imateriais como:

- a cachoeira de Iauareté, lugar sagrado dos povos indígenas dos rios Uaupés e Papuri;
- o Círio de Nossa Senhora do Nazaré;
- o modo de fazer o queijo de Minas (Serro e Serras da Canastra e do Salitre);
- a Feira do Caruaru;
- a arte Kwsiva, pintura corporal e arte gráfica Wajãpi.

Esses bens, tanto o bem invisível quanto o bem intangível, são elementos analíticos que permeiam o discurso geográfico. O discurso modifica, cria, revela realidades visíveis e invisíveis, as tangíveis e as intangíveis. Dele falaremos a seguir.

DISCURSO GEOGRÁFICO: NOVAS ESTRATÉGIAS E NOVA SENSIBILIDADE DISCURSIVA

A Geografia está presente nas atitudes e nos conhecimentos que sempre mobilizamos em nosso cotidiano, nas práticas e fundamentos considerados pelos empreendedores para suas ações e produções. Está também nas decisões dos governos, em suas ações para dirigirem seus países. Muito antes de se tornar uma ciência, Claval (2010) afirma que a Geografia já produzia discursos, ao estruturar habilidade e conhecimento empírico, colocados em ordem por ela.

Aparentemente, segundo o autor, a Geografia se propõe enunciar, na forma de um discurso estruturado, o que, para o homem comum, é antes o registro das práticas, das habilidades e das técnicas rotineiras. As experiências tornam-se, assim, acessíveis. Minca (2002) destaca que a geografia pós-moderna colocou em evidência a subjetividade do geógrafo, reforçando como a autoridade e o ponto de observação são elementos-chave para compreender o desenvolvimento de qualquer discurso geográfico.

Com a intensificação das discussões sobre a condição pós-moderna e os questionamentos postos sobre essa condição, vários cientistas sociais começaram, pois, a questionar as condições discursivas elaboradas. As últimas décadas do século XX foram caracterizadas por transformações técnicas, produtivas e econômicas que levam a mudanças nas sociedades e, em consequência disso, afetam a forma de ver o mundo, a cultura, as políticas e o quadro social. A princípio, este fenômeno foi identificado como um movimento arquitetônico de reação frente ao moderno e que se evoluiu para tornar-se a nova dimensão da cultura ocidental em contraposição ao racionalismo. Com a inclusão do cultural, tem-se a concepção de encontrar-se diante de nova etapa histórica que se diferencia pela crítica, pela agitação intelectual e pela renovação cultural. Com a pós-modernidade, as ciências sociais passam a questionar o racionalismo e a prática científica se abre para a diversidade, a marginalidade e começa um período no qual há espaço para o cotidiano, para a fragmentação e para o diferente. Já há o interesse pelos aspectos subjetivos que acompanham a produção de conhecimento.

Na ciência geográfica, destacam as geografias humanistas, que valorizam a subjetividade frente à objetividade, a compreensão face à explicação. A fenomenologia e o existencialismo são as correntes que permitem vincular o objeto com o sujeito e, para compreender a conduta espacial do sujeito, recupera-se o lugar como objeto da geografia. O lugar, nesta leitura renovada, é compreendido pela existência de cada indivíduo, pela valorização social que lhe é atribuída, pelo espaço vivido.

Com a virada cultural na Geografia, o discurso posto pela pós-modernidade, é visto por Alcarraz (2004), como possibilitador de outros olhares ao analisar as mudanças que a cultura pós-moderna deixava nos espaços e nas sociedades: espaços da diferença, da utopia, da heterotopia, espaço fragmentado, espaço simbólico etc. É possível analisar o espaço através de seus signos e decodificá-los. A preocupação manifesta-se em não somente descrever o espaço tangível, como em compreender como a ele se agregam as representações, o simbólico. A pós-modernidade implica, assim, um olhar transdisciplinar da Geografia.

O que essa nova abordagem na Geografia significa em termos de discurso? Em consonância com a pós-modernidade, a pesquisa qualitativa supera a pesquisa quantitativa. Todos cenários e pessoas são válidos por si mesmos. Inexistem hipóteses prévias a verificar, adotando-se aproximações sucessivas e diversas para a compreensão do objeto de estudo. Na Geografia, passou a existir um debate mais intenso sobre concepções espaciais com fundamentos filosóficos e políticos divergentes. O discurso geográfico se alimenta do positivismo, pós-estruturalismo, existencialismo, marxismo, pós-modernismo, sustentando uma emaranhada base conceptual da teoria geográfica do espaço. Isto quer dizer que se evitam os campos epistemológicos clássicos, os discursos cientificamente mais rigorosos "na busca de caminhos múltiplos, insólitos e que colocam em comunicação conceitos, objetos ou métodos considerados por todos como estranhos", conforme afirma Berdoulay (1988, p. 10). Na história da Geografia, o espaço não tem sempre o mesmo significado e os métodos para sua compreensão tornam-se plurais. Os significados, espelhados nos discursos, refletem o contexto e a visão de mundo de quem os elabora.

Minca (2002) argumenta que a era das Geografias pós-moderna, colonial, estrutural marcou para a Geografia o embaçamento do "espelho da natureza" que, historicamente, ela sempre quis representar. Essa nova Geografia permite a exibição de imagens fantásticas e paradoxais, merecendo atenção mais por aquilo que esconde do que por aquilo que reflete. O êxito mais evidente é que o espaço geográfico já não nos parece ser o que uma vez foi.

Na Geografia contemporânea, essas preocupações verteram-se em diferentes facetas do discurso geográfico. Aqui será focado:

1) o discurso geográfico como objeto de análise;

2) inovação conceitual como meio de "apresentar" o objeto ou o termo;

3) adoção de um novo estilo de escritura.

O discurso geográfico permite questionar o papel ativo da linguagem e do discurso no seio da Geografia para identificar seus limites e para explorar seu potencial criativo. O discurso é uma interface que permite problematizar nossa relação com as realidades estudadas. Pode-se, portanto, considerar a metáfora, as formas de discurso ou os gêneros que os geógrafos praticam.

Como objeto de análise, pode-se, no discurso, apreender a elaboração e a comunicação de um saber sobre os lugares, sobre as paisagens e sobre os territórios. A metáfora aqui é entendida no seu sentido mais amplo. É uma maneira, uma modalidade capaz de transportar, até como significado, as coisas, os lugares e os sujeitos e de estabelecer entre coisas, lugares e sujeitos relações semânticas, epistemológicas. Por revelar as realidades por meio de discurso, a metáfora é, pois, de uma importância fundamental.

Atualmente, ela não é mais vista como portadora de ideologias incompatíveis com trabalhos científicos. Desse modo, cresce sua presença em textos acadêmicos, por permitir que diferentes

domínios cognitivos se interconectem e por permitir a inovação do discurso científico. Gregory (1996) destacou que a desorientação pós-moderna tornou-se compreensível a partir de duas estratégias de mapeamento cognitivo: textualidades e espacialidades. Textualidade para ele é entendida como "diversas modalidades através das quais estendeu o 'texto' para além dos espaços da 'página escrita'", referindo-se à referindo-se a paisagem como um texto cultural , expressão do geógrafo anglosaxônico Cosgrove (1998).

O interesse pelos desafios textuais leva os geógrafos a exercitarem a imaginação sobre as possibilidades que o discurso oferece e os direciona para a pesquisa de novas práticas discursivas. Os estudiosos da geografia têm revelado criatividade na busca de novos conceitos para abordar uma mesma realidade, sobretudo, quando consideram insatisfatórios os conceitos disponíveis. Foi o caso de Berque, em 1986. Para fugir da clivagem entre ciências objetivas e ciências subjetivas, humanismo e positivismo, sujeito e objeto, natureza e cultura, o autor acreditou ser necessário criar uma nova linguagem e novos conceitos, recorrendo ao neologismo. São alguns exemplos de neologismos criados por Berque (1986):

- médiance: sentido do lugar, relação àquele; meio e mediação;
- trajection: distinção entre o objetivo e o subjetivo;
- vários verbos conjugam-se com o termo entre: o entre-compor, entre-fecundar, entre--determinar...

Conforme já foi dito, desde os anos 1980, a Geografia tem explorado os gêneros e adotado estratégias discursivas menos "acadêmicas". Publicam-se artigos menos pragmáticos e mais impressionistas, ensaios mais literários com menos rigor nas fronteiras disciplinares ou na cientificidade de suas conclusões, com formato National Geography. Alguns geógrafos migraram mesmo para as artes, para literatura, como é o caso de Jean Morisset e Normand Cazelais, quebequenses, hoje escritores e romancistas.

Depois de alguns anos, a Geografia começa a se interessar pelo ensaio, no que ele há de literário. O ensaio não esgota o sujeito e o convida a outras formas de percurso teórico, mais flexíveis da validade científica. A Geografia se permite ultrapassar além das fontes ou das fronteiras disciplinares.

Atualmente, a Geografia está mais apta a acolher seus autores marginais como Yi-fu Tuan (2005), revalorizando seu estilo de fazer a Geografia. Há um progressivo aumento da utilização do "eu", ao mesmo tempo em que se faz uma crítica implícita ao "nós" genérico, por trás do qual era construída a neutralidade do sujeito científico. Com isso, o autor pode posicionar-se simultânea e diferentemente com relação ao seu saber e ao seu sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A forma pela qual elaboramos os nossos textos afeta o conteúdo do que é comunicado. O discurso pode ser examinado na sua vertente limitativa (discurso-prisão), que nos fecha nas malhas de uma linguagem que não somente nos impede de dizer, mas, também, nos força a dizer. Nesse caso, cabe lembrar-se do poder do discurso geográfico ilustrando com a construção da alteridade oriental. A geografia legitimou a dicotomia entre o Ocidente e o Oriente, como também tem sido um bom instrumento para esta concepção e sua consolidação. Muitos discursos sobre a diversidade e a identidade de Ocidente em comparação a "outras culturas" são, frequentemente, alimentados por metáforas geográficas. Elas constituem um valioso recurso para materializarem visões do mundo e seus protagonistas, afirma Minca (2002). Na contemporaneidade, procura-se usar o pluralismo do discurso geográfico para liberar as barreiras da razão cartográfica e do poder aniquilador reelaborando as mesmas metáforas que a Geografia tinha elaborado para domesticar os paradoxos do espaço moderno e suas representações, nas palavras daquela autora.

O discurso pode ser examinado também na sua versão criativa (discurso-criação) na qual a geografia econômica se faz mais social e a geografia social se faz mais cultural. Cabe destacar que, sobre os termos social e cultural, tipificando a geografia, os geógrafos não têm consenso. Por exemplo, Di Méo (2000) defende a expressão Geografia social como mais abrangente e fecunda do que Geografia cultural adotada por Claval para a atual abordagem geográfica. Tal discordância não chega a impedir os avanços teóricos e alimenta o discurso criativo.

Os tempos promissores sinalizam para seguir os passos, sobretudo, pela contribuição fecunda dada pelos geógrafos anglo-saxônicos. A geografia cultural produzida por eles é rica em textos que se referem a metáforas, ou seja, ao lugar "como texto", como "cena" ou como "espetáculo".

Também, a geografia contemporânea alarga-se por propiciar leituras amplas que abarcam a influência do pós-estruturalismo sobre o pós-modernismo, a emergência das vozes pós-coloniais, as relações entre a geografia feminista e a pós-modernidade, a política da identidade, a relação entre o espaço e a subjetividade, as geografias de outras vozes "menores".

Na geografia cultural francesa, a etnogeografia, apontada por Claval (1995, 2010), releva os saberes e as crenças geográficas dos diferentes grupos culturais reconhecidos como depositários de saberes e dos conhecimentos-chave para interrogarmos nossas geografias. São as práticas discursivas alternativas emergentes abrindo outras janelas e enriquecendo os diálogos com e dos geógrafos.

Em síntese, penetrar o invisível, fazer visível o invisível, parecia ser uma habilidade reservada à poesia, à pintura, à escultura etc. A geografia, porém, está demonstrando também ter este dom. Como dizem Nogué e Romero (2006, p. 44) "hay que saber mirar lo que no se ve". Assim, será possível compreender melhor a complexidade do espaço geográfico na contemporaneidade.

No que diz respeito ao discurso, toca relembrar que ele alimenta ligações complexas e mutantes com a linguagem. Contudo, o discurso e a linguagem são atravessados pela retórica, que dinamiza o discurso por abrir-lhe novas visões da realidade. Entretanto, certos usos da retórica podem fechar o discurso em uma prisão, como foi comentado, impedindo o desenvolvimento do pensamento e da prática geográfica. Breve, ao evidenciar que a Geografia pode e tem vários discursos, dependendo de quem o enuncia, abre-se a possibilidade para outros discursos portadores de crenças sobre a compreensão do espaço.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALCARRAZ, G. A. En búsqueda de respuestas...tratando de imaginarlas. El abordaje del problema en la geografia. **Párrajos Geográficos**, Ano II, 2, marzo de 2004.

ALMEIDA, M. G. Geografia Cultural: contemporaneidade e um flashback na sua ascensão no Brasil. In: MENDONÇA, F.; LOWEN-SAHR, C; SILVA, M. (orgs). **Espaço e Tempo**: complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico. Curitiba: ADEMAN/ANPEGE. 2009, p. 243-260.

BAUMAN. Z. **Modernidad Líquida**. Traducción Mirta Rosenberg. Buenos Aires, Argentina: Fondo de Cultura Económica, 2006.

BERDOULAY, V. **Des mots et des lieux. La dynamique du discours géoographique**. Paris: CNRS,1988

BERQUE, A. **Le sauvage et l'artifice** – les Japonais devant la nature. Paris: Gallimard, 1986.

CLAVAL, P. **Terra dos Homens**: a Geografia. São Paulo: Contexto, 2010.

CLAVAL, P. Geografia e dimensão espacial: a importância dos processos na superfície da terra. In: ALMEIDA, M. G.; CHAVEIRO, E. F; BRAGA, H. C. (Orgs.). **Geografia e Cultura**: os lugares da vida e a vida dos lugares. Goiânia: Editora Vieira, 2008, p.17-46.

CLAVAL, P. **La Géographie Culturelle**. Paris: Nathan, 1995.

FERNANDEZ CHRISTLIEB, F.. Geografia Cultural. In: HIERNAUX, D. LINDÓN, L. (directores). **Tratado de Geografia Humana**. Barcelona/México: Universidad Autonoma Metropolitana/ Anthtropos, 2006. p. 220-252.

CORRÊA, R. L. Geografia Cultural: passado e futuro – uma introdução. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: UERJ, 1999. p. 49-58.

COSGROVE, D. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL. **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998. p. 92-123.

DAGONGET, F. **Une epistémologie de l 'espace concret**. Paris :Vrin, 1977.

DI MEO, G. **Géographie sociale et territoires**. Paris: Nathan, 2000.

HARVEY,D. **Condição pósmoderna**. São Paulo: Loyola, 1994.

GREGORY, D. Teoria Social e geografia humana.In: GREGORY, D., MARTIN, R.(orgs.) **Geografia Humana**: sociedade, espaço e ciência social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1996, pp..90-122.

INNERARITY, D. **El nuevo espacio publico**. Madrid: Espace Calpe, 2006.

MERLEAU-PONTY, M. **Le Visible et Invisible**. Paris: Gallimard, 2004.

MINCA, C. Más allá del posmodernismo. Viaje a través de la paradoja moderna. Girona: **Documento de Anàlis Geografica**. 40, 2002, p. 45-68.

NOGUÉ, J.; ROMERO, J. Otras geografias, otros tiempos, nuevas y viejas preguntas, viejas y nuevas respuestas. In: NOGUÉ, J.; ROMERO, J. (direc). **Las Otras Geografias**.Valencia: Tirant La Blanch, 2006, p.15-49.

PRATS FERRET, M. Sexo, género y lugar In: NOGUÉJ; ROMERO, J. (direc). **Las Otras Geografias**. Valencia: Tirant La Blanch, 2006.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

SARMENTO, J.; AZEVEDO, A. F.; PIMENTA, J. R. Introdução. In: SARMENTO, J.; AZEVEDO, A. F.; PIMENTA, J. R. (orgs). **Ensaios de Geografia Cultural**. Porto: Livraria Editoria Figueirinhas, 2006, p. vii-xii.

TUAN, Yi Fu. **Cosmos y Hogar. Un punto de vista cosmopolita**. Barcelona: Melusina, 2005.

UNESCO. **Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural e Imaterial**. Paris, Unesco, 2003.

WITTGENSTEIN, L.**Investigações filosóficas**.Trad. José Carlos Bruni.São Paulo :Nova Cultural, 1999. Arquivo em pdf.

Trabalho enviado em janeiro de 2013
Trabalho aceito em fevereiro de 2013